

Artur Chinelato de Camargo

Tempo de repensar

E escrevi no artigo anterior (Revista Mundo do Leite - outubro de 2004) sobre a dura vida dos técnicos extensionistas no Brasil (principalmente os das entidades oficiais) e de sua importância para termos uma agricultura socialmente justa, com oportunidades iguais para todos. Esperava com a eleição dos novos prefeitos que alguma coisa pudesse mudar. Provavelmente, é porque tenho uma incorrigível falha de acreditar sempre no ser humano, achando que ele só trabalha e deseja o bem coletivo. Contava com o bom senso dos eleitos, no sentido de não mexer em time que estivesse ganhando. Mas qual a surpresa: em muitos municípios paulistas, não esperaram nem a posse e saíram à caça das bruxas. Quem não esteve ao seu lado, não subiu no palanque, simplesmente foi demitido ou deixado de lado, como um boné velho, independentemente da qualidade do trabalho que estivesse sendo executado. Esse tipo de atitude demonstra a prioridade que o Brasil dá ao setor agrícola. Neste sentido não estou me referindo apenas aos mandatários dos municípios e sim à sociedade como um todo. Se a comunidade se unisse em torno dos técnicos extensionistas para cobrar melhores condições de trabalho, talvez nós não tivéssemos uma legião de produtores rurais desesperados, sem rumo e sem destino, apenas cumprindo o papel que alguém definiu para eles nessa peça teatral da vida, que é a de sobreviver em condições cada vez mais adversas.

O que fazer diante dessa ameaça constante que assola a cada quatro anos essa classe de fundamental importância para o desenvolvimento da agricultura, principalmente a familiar, incluindo aqui os assentados, arrendatários, parceiros e meeiros? Passei por esse problema no início do Projeto Agricultura Familiar - Leite, nas eleições de 2.000. Perdemos, projeto e produtores, na época, técnicos treinados, capacitados e o que é mais triste, idealistas. Agora estamos novamente perdendo mais técnicos para a política. Sempre ouvi falar, desde pequeno, que a política era para meincrar nossas vidas. Hoje tenho dúvidas dessa afirmação. O pior é que esse tipo de coisa não está acontecendo apenas em entidades públicas. O programa SAI (Sistema Agroindustrial Integrado) do

SEBRAE montou equipes de primeira linha em duas regiões onde atuamos: Bauru e Guaratinguetá. O contrato ou convênio, como queiram chamar, era por um ano. A renovação que deveria ser automática demorou 3,4,5... meses e as equipes só não foram mais desmanteladas nessas regiões porque os técnicos trabalharam de graça, por puro e emocionante idealismo. Será que o pessoal que manda não valoriza isso? Será que não entendem que a credibilidade é o bem mais precioso que um técnico possui e que com essas idas e vindas, ela vai por rio abaixo? Será que não sabem que uma das coisas mais difíceis de se conquistar no meio rural é a confiança do produtor? Mas como nem tudo são trevas, os técnicos efetivos da CATI (órgão oficial de assistência técnica e extensão rural do Estado de São Paulo) tiveram uma reposição salarial que há muito não se via. Parabéns ao governador Geraldo Alckmin! Aproveite governador e mostre para os outros governadores, para os prefeitos eleitos, para os professores das universidades, para os pesquisadores dos institutos de pesquisa, para os próprios técnicos da extensão, para os produtores rurais e para a sociedade como um todo, a importância que o senhor dá à agricultura. Reajuste o provento dos funcionários administrativos da CATI e solucione o impasse dos técnicos extensionistas conveniados ou municipalizados. Eles são e ao mesmo tempo não são (vai entender?) empregados do Estado e dos municípios e recebem valores muitas vezes inferiores a R\$ 1.000,00 (um mil reais), não podendo ser chamado de salário, portanto. Para resolver a questão desses técnicos, determine a abertura de concurso público para que eles voltem a ser funcionários do Estado e não marionetes nas mãos de alguns prefeitos. Há prefeitos no Estado de

São Paulo muito bem intencionados e sensíveis aos problemas do setor agrícola, mas, infelizmente, há também umas tranqueiras que acham que o leite vem da caixinha e que agricultor é um estorvo. Mostre a eles governador o quanto o senhor estima essa classe que tem salvado o Brasil há um bom tempo.

"Isso vai onerar o Estado", podem alegar para o senhor. Não é tanta gente assim em primeiro lugar e a relação do montante que seria gasto, com os números atuais da produção agrícola familiar, é amplamente favorável à contratação e o mais importante, o senhor vai poder oferecer ajuda aqueles produtores rurais esquecidos em seus sítios e chácaras, como os inúmeros que conheci nesses quatro últimos anos trabalhando num projeto que visa viabilizar a produção de leite em pequenas áreas. Suponha, governador, dois técnicos em cada um dos 605 municípios no Estado de São Paulo que tem Casa da Agricultura. Seriam aproximadamente 1.200 técnicos que receberiam, no mínimo, o piso da categoria (8,5 salários mínimos, algo em torno de R\$ 2.200,00). Se quiser pagar mais não se acanhe, vá em frente!

"Tem muita gente ruim nesse meio", podem também argumentar para o senhor. E eu perguntaria: em que ambiente de trabalho não existe gente à toa? O bom administrador precisa saber distinguir o joio do trigo. A coisa é muito simples. Não produziu resultados de qualidade, a porta da rua é serventia da casa.

Valorizar o técnico extensionista em todos os Estados do Brasil, além de ser justo, é inteligente para o político. Afinal qual categoria está presente em quase todos os municípios brasileiros e tem acesso às famílias que moram no campo? No Estado de São Paulo, por exemplo, existem 645 municípios e as Casas da Agricultura estão em quase todos (92,7%). É uma rede extremamente capilarizada, cuja opinião dos técnicos que são competentes é ouvida e pesa muito no meio rural. Nesta época do ano, passada a festa de momo, todos nós que trabalhamos para o progresso da agricultura, estamos à espera de um milagre. Quem sabe? Afinal, após o tempo de sofrimento, vem a páscoa. Só espero que não demore 40 anos!



Artur Chinelato de Camargo é agrônomo e pesquisador da Embrapa Pecuária Sudeste, São Carlos, SP. (16) 3361-5611 artur@cnpse.embrapa.br